



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA – DH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

ALEXANDRE TELES DE OLIVEIRA

**A HISTÓRIA DA CIDADE E A CASA:
A ARQUITETURA MODERNA EM CAMPINA GRANDE DE
1950 A 1960**

CAMPINA GRANDE – PB
OUTUBRO, 2016

ALEXANDRE TELES DE OLIVEIRA

**A HISTÓRIA DA CIDADE E A CASA:
A ARQUITETURA MODERNA EM CAMPINA GRANDE DE
1950 A 1960**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Me. José Emerson Tavares de Macêdo

CAMPINA GRANDE – PB
OUTUBRO, 2016

O48h Oliveira, Alexandre Teles de

A história da cidade e a casa [manuscrito] : a arquitetura moderna em Campina Grande de 1950 a 1960 / Alexandre Teles de Oliveira. - 2016.

24 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Prof. Me. José Emerson Tavares de Macêdo, Departamento de História".

1. Urbanismo 2. Arquitetura moderna 3. Cidade 4. Zona residencial I. Título.

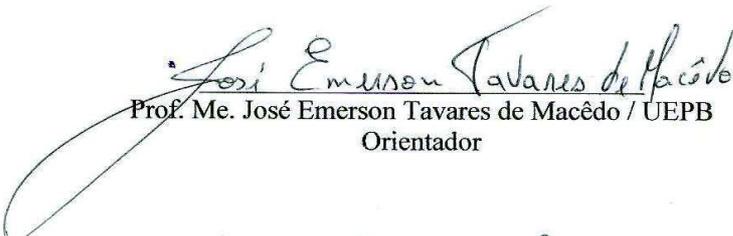
21. ed. CDD 711.4

ALEXANDRE TELES DE OLIVEIRA

**A HISTÓRIA DA CIDADE E A CASA:
A ARQUITETURA MODERNA EM CAMPINA GRANDE DE
1950 A 1960**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Aprovada em 27/10/2016.


Prof. Me. José Emerson Tavares de Macêdo / UEPB
Orientador


Prof. Me. Matusalém Alves de Oliveira / UEPB
Examinador


Prof. Esp. Anselmo Ronsard Cavalcanti / UEPB
Examinador

A HISTÓRIA DA CIDADE E A CASA: A ARQUITETURA MODERNA EM CAMPINA GRANDE DE 1950 A 1960

OLIVEIRA, Alexandre Teles de¹

RESUMO

Temos por objetivo nesse artigo fazer uma releitura de autores que discutem sobre a história das transformações urbanas ocorridas na cidade de Campina Grande e seus personagens entre as décadas de 1930 a 1960. Iniciamos as pesquisas em museus e arquivos públicos/privados e seus respectivos acervos: jornais, fotografias, documentos e plantas aliado a uma pesquisa bibliográfica que trata da história das transformações urbanas ocorridas na cidade de Campina Grande. A partir da análise da obra de Augusto Reynaldo, mostraremos como sua produção residencial moderna na década de 1950, com resultados de aceitação pela população, foi parte fundamental da difusão dessa arquitetura em Campina Grande, levantando questões como as relações entre projeto, obra construída e vínculos com a cultura e a tradição local. Identificamos, no Arquivo da Prefeitura Municipal de Campina Grande (APMCG), quatro projetos residenciais elaborados pelo arquiteto Augusto Reynaldo: as residências de Severino Bezerra de Carvalho (1952), Amaro Fiuza Chaves (1955), Francisco Wanderley (1955) e José Celino da Silva (1957/58). No entanto, não cabe neste trabalho realizar análises técnicas das plantas dessas residências e de seus espaços resultantes de intenções e de estruturas realmente representativas do pensamento e da técnica contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade. Residência. Arquitetura Moderna.

¹ Graduando em História pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail informato@gmail.com .

1. INTRODUÇÃO

Este artigo iniciou-se a partir de certas inquietações surgidas pelas transformações urbanas ocorridas nos espaços públicos e residenciais no decorrer das últimas décadas na cidade de Campina Grande.

Partindo dessa constatação temos por objetivo fazer uma releitura de autores que tratam sobre a história das transformações urbanas ocorridas na cidade de Campina Grande e seus personagens nas décadas de 1930 a 1960, a cidade através de seu projeto de renovação urbana caminhou na busca de sua modernização. Entendendo o conceito de “modernização” como utilizado para definir “o processo de transformação da sociedade ocidental com a lenta difusão de instituições que surgem em resposta à transformação da economia pela industrialização progressiva” (SOUZA, 1994, p.66).

Iniciamos as pesquisas em museus e arquivos públicos/privados e seus respectivos acervos como jornais, fotografias, aliado a uma pesquisa bibliográfica acerca da história das transformações urbanas ocorridas na cidade de Campina Grande.

No que diz respeito às cidades brasileiras, o início do século XX foi sinalizado pelas intervenções urbanas que ocorreram nas principais cidades de grande e médio porte, em todas as regiões. A identificação de fortes semelhanças nas orientações das políticas urbanas da virada do século XX, especialmente aquelas que se referem ao modo como as cidades e seus projetos de renovação urbana, são promovidos em ações combinadas nas diversas escalas territoriais. As intervenções seguiam basicamente os modelos já pensados e implantados nas grandes cidades europeias e tinham por objetivo, de âmbito geral, adequar as cidades às transformações que advinham da Revolução Industrial.

Seguindo os passos das reformas urbanas nos grandes centros brasileiros, como no Rio de Janeiro, na administração de Pereira Passos, várias cidades de pequeno e médio porte no Brasil também passaram por modificações em sua estrutura urbana adaptando-as às novas necessidades que surgiram com a introdução dos mesmos fatores que impulsionaram as reformas urbanas na Europa. Diferentemente da Europa, as transformações urbanas no Brasil tinham caráter mais estético do que funcional. Esse processo de transformações urbanas ultrapassaram as fronteiras das capitais e, cidades interioranas, foram atingidas por estas transformações, como é o caso de Campina Grande, no estado da Paraíba.

Em meados da década de trinta, Campina Grande vinha apresentando neste período, o maior crescimento urbano, populacional e financeiro do estado da Paraíba, tornando-se uma

cidade maior do que sua capital; João Pessoa. Portanto, deveria passar pelas transformações de nova época.

Em 1935 durante a gestão do prefeito Berlindo Figueiredo (popularmente conhecido como Bento Figueiredo), irmão de Argemiro de Figueiredo interventor do Estado da Paraíba, nomeou o Secretário de Segurança Pública do Estado da Paraíba, Vergniaud Borborema Wanderley, como interventor municipal de Campina Grande. Na sua gestão ocorrem às primeiras obras de “limpeza”, esse termo era uma referência das explicações que o prefeito dava à população da cidade, justificando a abertura de ruas e fechamento de becos como uma forma de limpar a cidade.

Segundo Bresciani (1981) a ideia sanitária nasce com a dupla concepção física e moral, ou melhor, com a sugestão de que se atingiria a mente e a formação moral do homem por meio da modificação do ambiente e, em decorrência, do corpo e do comportamento das pessoas. “Estrutura-se o *sanitarismo* sobre os saberes médicos e da engenharia, sempre tendo em vista, porém a preocupação filantrópica com a moralidade dos pobres: entre os objetivos de melhorar as condições de vida urbana esteve sempre o de civilizar seres semi-bárbaros” (BRESCIANI, 1981, p.10).

Os primeiros ares de que uma nova cidade estava para nascer, na verdade, desde o início deste século, foi percebidas na cidade pequenas obras de melhoramentos urbanos, que tiveram pouca repercussão, mas já representativos. Até a década de 1920, as transformações arquitetônicas e urbanas de Campina Grande são superficiais (CARVALHO, *et al*, 2007). A partir da década de 30 o que se viu em Campina Grande, foi uma quase total destruição de seu patrimônio histórico/arquitetônico.

Nessa época, se inicia, portanto, uma série de reformas nos tecidos urbanos centrais do país, tocadas pelo poder público, com o apoio de grande parte das elites locais, utilizando medidas como desapropriações, realinhamentos e controle sobre o gabarito mínimo das reedificações no que é então legalmente definido como centro.

Essas mudanças físicas foram justificadas através de um plano de modernização da cidade, patrocinado pelo governador Argemiro de Figueiredo que seguia o modelo de planejamento urbano do Presidente da República Getúlio Vargas. A arquitetura “protomoderna”, implementada em Campina Grande é característica de governos autoritários que dominavam o mundo, neste período, como Mussolini na Itália e Hitler na Alemanha. O fato pode ser confirmado através de estudos de história da arquitetura no século XX. Não cabendo neste artigo o aprofundamento dessa discussão.

Constituía-se da mudança estética de suas fachadas, remodelando, demolindo e reconstruindo casa a casa, a forma arquitetônica predominante nas áreas centrais, mais ligadas ao comércio, é o *Art Déco*, transformando a cidade num grande “*Arte Déco*” no agreste paraibano. Desconsiderando as ambiguidades que este termo traz, e sua diferenciação problemática em relação ao que se chama de *protomoderno*, *protorracionalismo*, *modernidade pragmática*, entre outros, percebemos uma produção relativamente homogênea na cidade como, por exemplo, o Cine Capitólio e o Grande Hotel e que em sua maioria tenta incorporar linhas racionais, de geometria pura, aerodinâmicas, ao mesmo tempo em que inicia a exploração das possibilidades do concreto armado.

1. A HISTÓRIA DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE 1935-1945

Em nível nacional, com o governo populista de Getúlio Vargas, havia uma necessidade de redefinir o espaço, necessidade essa ligada aos interesses centralizadores que visavam destruir as regionalidades e construir ao mesmo tempo uma imagem uniformizadora do país. O autoritarismo reinante nas cúpulas do poder, a ditadura que se instalava no Brasil, o cheiro acre do nazismo que se espalhava com a Segunda Guerra Mundial, são fatores que fazem parte do clima da década de 40.

O processo de modernização visava, sobretudo o sudeste ecoava fortemente em duas regiões: o progresso era meta principal de um governo – preocupado em sedimentar de um vez por todas no país o capitalismo e os estatutos da ordem burguesa. Era imprescindível que o Brasil se firmasse como “nação” e mostrasse ao mundo a sua capacidade de produtor e de consumidor.

A economia manteve seu epicentro no setor agrário exportador até 1930, quando ocorre o que Florestam Fernandes denomina a revolução burguesa no Brasil. O Estado passa então a investir decididamente em infra-estrutura para o desenvolvimento industrial visando a substituição de importações. A burguesia industrial assume a hegemonia política na sociedade sem que se verificasse uma ruptura com os interesses hegemônicos estabelecidos. (MARICATO, 2001, p.30).

No entanto, é principalmente a partir da metade da década de 30 que Campina Grande vai deixar para trás definitivamente parte de sua imagem provinciana, característica da colônia e do império.

O “grande” momento de urbanização da cidade de Campina Grande se dá com o plano de Vergniaud Wanderley (1935-1945), que segundo Maricato (1997), seguia a tradição urbanística, higienista e de embelezamento, na crença no progresso linear – herança do positivismo – no discurso nacional “getulista”, “esses planos se referiam especialmente ao melhoramento e ao embelezamento das cidades. As elites tinham propostas para as cidades.” AMARICATO, 1997, p.137).

As mudanças ocorridas no espaço urbano de Campina Grande (acontecia em varias outras cidades e capitais brasileiras nas três primeiras décadas do século XX), nas administrações de Vergniaud Wanderley parecem fazer parte desse conjunto de valores novos que já vinha há décadas sendo experimentados no continente europeu e que, aí, em grande parte se contrapunham aos valores e práticas associadas ao Antigo Regime, muito embora no Brasil assumam uma dimensão bastante singular, marcadamente autoritária e envolvendo uma complexa teia de relações sociais.

A reforma urbana dos anos de 1935 e 1945 em Campina Grande ocorre num contexto de mudanças na sociedade brasileira, ainda se respirava os efeitos da vitória da Revolução de 30, mudanças que cotidianamente vão ser vivenciadas por pessoas e grupos sociais diversos que moravam na cidade ou por ela estavam de passagem, não esqueçamos que Campina Grande é tradicionalmente vista como empório do Nordeste, ainda com traços marcadamente rurais (como alias, a grande maioria das cidades brasileiras na época), o que implica em tensões entre valores diferentes, embora não consideramos que o que esteja em jogo nessas tensões seja simplesmente uma disputa entre o tradicional e o moderno ou entre o novo e o velho.

A formação das identidades sociais apresenta-se como uma nova porta. Aqui se percebe a lenta e conflituada elaboração da identidade burguesa e seu contraponto, o proletariado. Segundo Veras (1988) o lema da reforma de Vergniaud era: a demolição de “velharias” e o “raspar” de ruas a picaretas que davam “margem a muitas construções renovadoras”, tinha significados mil. O que se verificava era algo mais complexo e profundo do que a simples edificação de novas construções, fato que já havia ocorrendo desde o final do século XIX em Campina Grande.

Espraiavam-se pelo Brasil afora, desde a experiência do Rio de Janeiro (com o prefeito Pereira Passos) nos primórdios do século XX, novas concepções de urbanização, informadas nos projetos arquitetônicos e paisagísticos de urbanistas europeus haviam revolucionado as principais cidades e capitais do Velho Continente, transformando ruas sinuosas, becos e cortiços em gigantescas e largas ruas e avenidas que facilitavam a circulação de homens,

automóveis e mercadorias, e precipitavam mudanças nas noções de tempo e espaço, e mais do que isto, mudanças na vida de seus habitantes.

As reformas urbanas, realizadas em diversas cidades brasileiras entre o final do século XIX e início do século XX, lançaram as bases de um urbanismo moderno ‘à moda’ da periferia. Realizaram-se obras de saneamento básico para eliminação das epidemias, ao mesmo tempo em que se promoviam embelezamento paisagístico e eram implantadas as bases legais para um mercado imobiliário de corte capitalista. A população excluída desse processo era expulsa para os morros e franjas da cidade. Manaus, Belém, Porto Alegre, Curitiba, Santos, Recife, São Paulo, e, especialmente o Rio de Janeiro são cidades que passaram por mudanças que conjugaram saneamento ambiental, embelezamento e segregação territorial, nesse período. (MARICATO, 2001, p.28)

O empreendimento de Vergniaud Wanderley, ao mesmo tempo ataca e destrói formas de se viver e morar na cidade, o que implica em conflitos entre diferentes percepções ou formas de morar, usar a cidade, fazer amor, ir ao cinema, brincar o carnaval etc., não surge do nada nem ocorre no vazio. Por um lado, Vergniaud Wanderley inspirava-se em modelos de urbanização de grandes cidades brasileiras, especialmente o da capital Federal, Rio de Janeiro (lembremo-nos da leitura de Epaminondas Câmara, que fala no empreendedorismo reformista de Vergniaud como “carioquização” das urbes).

Por outro lado, os habitantes de Campina Grande nas décadas de 30 e 40 já estavam familiarizados com alguns mecanismos e artefatos modernos, como a estrada de ferro que por aqui chegara em 1907, jornais e revistas, mesmo com circulação por curtos períodos, desde 1888 os primeiros, a partir de 1920, as segundas; cinemas que apareceram ao final da primeira década (1909); automóveis que por aqui começaram a “correr” em 1914; energia elétrica que é inaugurada no final da década de 1910 e que passa a iluminar, mesmo que precariamente, a vida dos campinenses; bancos, associações de trabalhadores (depois sindicatos), clubes de dança (Campinense e o 31) e de futebol (Treze e Campinense); festas que assumem uma dimensão municipal como a da padroeira (Nossa Senhora da Conceição) e o carnaval; a moda e mudanças nos hábitos femininos, etc.

Na cidade de Campina Grande, segundo Gurjão (1999) – segue-se a reorganização da política local em consonância com os ditames dos novos grupos dominantes. O decreto estadual nº12 de 1994, dissolveu o Conselho Municipal e foi seguido de decretos e mais decretos que redirecionaram as funções públicas. Prevalece, agora, uma nova correlação de formas, cuja tarefa mais complicada foi adequar os pressupostos burocráticos e

centralizadores da política comandada por Getúlio Vargas à velha política oligárquica ainda dominante nos municípios brasileiros.

À exemplo dos demais municípios paraibanos, em Campina Grande, convivendo com as novas regulamentações, continuam prevalecendo o poder das antigas oligarquias, seus conflitos e confrontos. A história da urbanização da cidade de Campina Grande tem um forte vínculo com suas atividades comerciais desde os primórdios até os dias atuais.

2. O PROJETO MODERNIZADOR EM CAMPINA GRANDE (1935-1945)

Pretendemos descrever nesse segmento do artigo o projeto modernizador de Vergniaud Wanderley, através do método teórico de bricolagem a partir da obra *De Rainha a Plebéia: Inventário das transformações urbanas e arquitetônicas de Campina Grande entre 1935-1945* de Fabricio Lira Barbosa.

No município de Campina Grande em setembro de 1935, o prefeito Dr. Antônio Diniz foi exonerado e o então secretário da prefeitura, Sr. Berlindo de Figueiredo, assumiu inteiramente a prefeitura da cidade mantendo-se no cargo até dezembro do mesmo ano. Neste curto período foram iniciadas as primeiras obras na estrutura urbana da cidade – melhoramentos do sistema viário através de calçamentos, delimitação de calçadas e alguns canteiros. De grande porte, apenas a construção da Antiga Praça da Luz, hoje Praça Clementino Procópio e primeiros serviços de arruamento às margens do Açude Novo.

No ano seguinte em janeiro de 1936, no início da primeira gestão do interventor da cidade de Campina Grande Vergniaud Wanderley nomeado por Argemiro de Figueiredo interventor do estado da Paraíba – foi publicado um artigo no jornal A União que anunciava o nome dos arquitetos responsáveis pelas obras da Praça do Capitólio: Isaac Soares e Munier. Sabe-se que boa parte da nova arquitetura implantada em Campina, a partir de 1940, foi projeto de Isaac Soares (JOSÉ, 1996). Quanto a Munier não encontramos qualquer citação em trabalhos ou artigos de jornais referentes ao período tornando-se um personagem enigmático e obscuro, que deixou uma lacuna na história da reforma urbana de Campina Grande.

O Projeto Higienista determinava a meta de grande importância da qual não se descuidou o operoso prefeito Vergniaud foi o do abastecimento d'água. A limpeza e higienização são fundamentais numa cidade moderna: necessário é acabar com a poluição do água, eliminar os focos de doenças causadas pelas águas estagnadas. É imprescindível canalizar esse líquido vital, tratá-lo, fazê-lo circular limpa e abundantemente. É a lógica da circulação capitalista contra a lógica da estagnação e do passado.

O saneamento básico é aliado da política de assepsia que visa canalizar tanto a limpeza para dentro dos lares com levar para longe todos os dejetos e excrescências que provam as “fraquezas” da burguesia que acabam por ter necessidades iguais a todos. “A cidade vai ser pensada como espaço que, transformado, se tornaria um meio ideal para se formar homens saudáveis, moralizados e trabalhadores, os bons cidadãos”. (BRESCIANI, 1981, p.10).

Em junho de 1936, o interventor do Estado Argemiro de Figueiredo, assinou o contrato das obras de Saneamento e distribuição de água de Campina Grande com o Escritório Saturnino de Brito. O responsável pelo projeto foi o filho do renomado engenheiro, também Saturnino de Brito. Uma particularidade deste projeto foi à centralização apenas em obras de Saneamento da cidade, o que diferiu das outras obras já conhecidas do escritório.

Sabe-se que Saturnino de Brito baseava-se num planejamento geral da cidade, que incluía traçado, saneamento e expansão urbana, enfim uma visão geral da cidade, característica das proposições urbanísticas do início do século na Europa aliada aos conceitos de Camilo Sitte.

O que se viu em Campina não corresponde ao que se conhece dos trabalhos do Escritório Saturnino de Brito no resto do país. De acordo com o jornal da época: A Voz da Borborema, Saturnino deteve-se apenas no saneamento de Campina Grande.

Vergniaud Wanderley não pôde concluir a sua gestão como prefeito de Campina Grande, pois em 1937, o golpe das Interventorias mudou o sistema político nacional e os governos dos Estados, Argemiro de Figueiredo, permanece no cargo, mas, Campina Grande ganhou um novo prefeito.

Não tão novo assim, porque assumiu Beto de Figueiredo, depois de dois anos afastado da política municipal. Na verdade o que existia era um grande acordo político diretamente ligado ao sistema coronelístico dominante em toda a cidade de Campina Grande, nas mãos da família Figueiredo. Bento era o irmão de Argemiro, o que facilitava a administração e a aquisição de verbas para a execução de obras em Campina Grande.

Posteriormente em 20 de agosto de 1940, mais uma vez Vergniaud Wanderley assume a prefeitura de Campina, foi neste momento, que corresponde ao período de 1940 e 1945, que ocorrem as mais importantes obras de mudanças físicas da cidade: A abertura da Av. Floriano Peixoto, demolição do Paço Municipal, fechamento da Praça Epitácio Pessoa, além da maior parte de demolições e construções da nova cidade, Campina neste momento vê-se completamente modificada, com o ideário do embelezamento da cidade transformado radicalmente seu aspecto arquitetônico e urbanístico.

Durante a segunda administração de Vergniaud a cidade foi dividida por uma larga avenida, a Floriano Peixoto, e apenas ela já justificaria um planejamento anterior, já que para a abertura desta avenida muitas residências foram demolidas, inclusive uma centenária igreja, Nossa Senhora do Rosário. Além disso, não só propriedades foram desapropriadas como também espaços públicos, logradouros, praças, becos e largos, alterando a paisagem da cidade e influenciando a vida de seus habitantes.

Campina Grande como importante centro de comércio algodoeiro teria forçosamente que acompanhar a meta modernizadora do Estado Nacional. Uma cidade como Campina Grande, na visão do então prefeito Vergniaud Wanderley, precisava de avenidas ao invés de becos e ruas tortas, precisava de edifícios assobradados ao invés de casas que lembrassem antigas vilas, era necessário que desaparecessem o centro da cidade os cortiços e casinhas “mal-cheirosas e sem saneamentos”, as prostitutas. A cadeia, o cemitério deviam ser mantidos à distância, e cabia ao executivo da ordem burguesa aparelhar o espaço urbano com os recursos da modernidade. Junto com a política e o domínio das famílias tradicionais, declinavam também a sua arquitetura, sua cultura baseada em traços provinciais.

A intervenção deste “urbanizador” no espaço da cidade foi violenta e autoritária, não foi dada aos habitantes da cidade a chance de um parecer, ao contrário, mesmo contra a vontade de muitos que se viram lesados na própria inviolabilidade burguesa do patrimônio privado, o prefeito arbitrariamente sequestrou traças da cultura, da vivência e interferiu ditatorialmente no cotidiano de centenas de habitantes. A estética burguesa não permite as ruas sem calçamento, sem meio fio, sem linha d’água, tudo deve ser devidamente canalizado, controlado, previsível. A lógica não se limita a estética da cidade, mas abarca os modos de ser e estar dos moradores, fazendo com que aos poucos estes sejam moldados para o viver nessa sociedade.

3. ARQUITETURA RESIDENCIAL MODERNA (1950-1960)

Campina Grande aparece na década de 1950 como o 13º município mais populoso do país, com 173.206 habitantes, número expressivo se pensarmos que, em 1907, tinha apenas 17.041 habitantes. Naquele ano, a chegada da estrada de ferro transformou o antigo entreposto comercial no grande mercado de algodão sertanejo e, depois, no pólo do comércio do interior da Paraíba e estados vizinhos.

Quem conhece a bela e progressista cidade sertaneja e sabe que naquele núcleo de intenso trabalho está um dos centros de comércio algodoeiro mais importante do país: quem já teve ensejo de apreciar a vida social de Campina Grande, extraordinariamente movimentada, bem pode avaliar o que representa a instalação de serviços de água e saneamento – o último retoque que falta a Campina Grande para se tornar uma das mais importantes cidades do Nordeste, capaz de rivalizar com qualquer centro urbano do interior dos estados sulistas (UNIÃO, 26/07/36).

Se entre 1930 e 1950 o *Art Déco* caracterizou a ambiência da zona comercial e da arquitetura institucional em Campina Grande, simbolizando seu “progresso”. Enquanto isso, a arquitetura residencial absorve de maneira incipiente a modernização representada pelo *Déco*. Embora exista uma produção residencial a ele ligada, a maioria das casas de moradia multiplica variações de um ecletismo inicialmente acadêmico, depois romântico, de influência decorativa inglesa, americana, etc. – chamados, localmente, de *bangalôs* ou *palacetes*, com coberturas complexas, de águas recortadas, bow-windows, alpendres de colunas decoradas, torreões etc. (CARVALHO, 2006).

Tal modelo de residência para a elite – e suas tentativas de reprodução em menor escala – permanece vigente no início dos anos 1950, como percebemos a partir dos projetos do arquivo da prefeitura. Trata-se de outra forma de modernização, em muitos aspectos mais efetiva do que o *Art Déco* das áreas centrais: agora, os exemplares mais ricos são construções isoladas no lote, com uma relação nova com o espaço exterior; há janelas, iluminação e ventilação em todos os cômodos; os elementos paisagísticos e os abrigos para automóvel se incorporam ao repertório; a especialização de funções e o zoneamento rompem com o modelo colonial – tudo isto acompanhado por uma exploração incipiente de novos materiais e técnicas. Para Argan (1993)

a cidade moderna contrapõe-se à antiga exatamente na medida em que reflete o conceito de uma cidade que, não tendo uma instituição carismática, pode continuar a mudar sem uma ordem providencial e que, portanto, exatamente a sua mudança contínua é representativa, de modo que o que resta do antigo é interpretado, sim, como pertencente à história, mas a um ciclo histórico já encerrado. (ARGAN, 1993, p.75)

No final da década de 1940, encontramos o que até agora consideramos ser o primeiro projeto dessa outra vertente em Campina Grande: a Maternidade Municipal (autoria não identificada), inaugurada no ano de 1951 pelo então prefeito Elpídio de Almeida. Nesse mesmo ano, é apresentado à Prefeitura projeto para a Sociedade Médica de Campina Grande, assinado pelo engenheiro Austro de França Costa e inaugurado em 1952. Nestas edificações,

já aparecem pilotis, lajes planas expostas, janelas corridas e padronização de elementos construtivos. Ainda em 1952, identificamos o primeiro projeto residencial alinhado a esta linguagem, de autoria de Augusto Reynaldo – a residência do Dr. Bezerra de Carvalho, na época presidente da Sociedade Médica, o que demonstra seu gosto por esta arquitetura.

Agora é o tempo da dita arquitetura moderna, mas essa modernidade não tem uma definição uniformemente aceita por todo. Trata-se, evidentemente, de modernismo digamos erudito aprendido nas faculdades de arquitetura a partir das lições básicas de mestres como Le Corbusier, Frank Lloyd Wright, Oscar Niemeyer, etc.

Nessa época, poucos arquitetos atuavam na cidade, todos licenciados (não-diplomados, mas reconhecidos como habilitados), como é o caso de Isac Soares e Josué Barbosa Pessoa. No entanto, estes ainda não apresentavam projetos filiados à produção moderna, fato que se modifica na década de 1950.

Em fins de 1952, encontramos o que parece ser o primeiro projeto do arquiteto-licenciado carioca (mas proveniente de Recife) Hugo Marques, na cidade, a residência para José Marcus Giovanni Gioia – em relação direta com a arquitetura moderna praticada em Recife até então, antes da chegada de Borsoi, que não teve repercussão local. Não identificamos se este projeto foi construído e nem Hugo Marques firmou escritório local, porém há na cidade uma série de projetos elaborados por ele nas décadas de 1950 e 1960, incluindo praticamente todos os prédios altos construídos nesse período, o primeiro deles em 1957, o Edifício Rique. Nos anos 1960, aparecem outros arquitetos, como Tertuliano Dionísio e arquitetos que projetaram uma ou duas obras, a exemplo de Waldecy Pinto, Heitor Maia Neto e Mário Di Lascio.

Junto a esses arquitetos-licenciados, uma gama de engenheiros participou da difusão da arquitetura moderna em Campina Grande: Austro de França Costa, Lynaldo Cavalcanti, Max Hans Karl Liebig, Giuseppe Gioia e Glauco Benévolo de Benévolo. Eles se associavam ou contratavam desenhistas para conceberem seus projetos, entre os quais estão Geraldino Pereira Duda (autor de numerosos projetos na década de 1960 em especial o Teatro Municipal Severino Cabral), J. Anacleto Eloi, Walter Cordeiro de Lima e Adalgício Lima Filho.

Essa arquitetura, obviamente é aquela que deve ocupar a atenção dos interessados em conhecer a casa moderna brasileira, embora seja ela minoritária no espaço urbano de Campina Grande. Entre as primeiras casas modernas encomendadas nos anos 1950 por proprietários privados no estado da Paraíba destacam-se as do arquiteto pernambucano Augusto Reynaldo.

A partir da análise da obra de Augusto Reynaldo, mostraremos como sua produção residencial da década de 1950, com resultados de boa qualidade e aceitação pela população,

foi parte fundamental da difusão dessa arquitetura em Campina Grande, levantando questões como as relações entre projeto, obra construída e vínculos com a tradição.

Identificamos, no Arquivo da Prefeitura Municipal de Campina Grande (APMCG), quatro projetos residenciais elaborados pelo arquiteto Augusto Reynaldo: as residências de Severino Bezerra de Carvalho (1952), Amaro Fiuza Chaves (1955), Francisco Wanderley (1955) e José Celino da Silva (1957/58). Enquanto historiadores, entendemos que essas residências carregam consigo a memória da cultura e da arte da cidade. No entanto, não cabe neste trabalho as análises técnicas das plantas dessas residências e de seus espaços resultantes de intenções e de estruturas realmente representativas do pensamento e da técnica contemporânea.

Augusto Reynaldo Alves (1924-1958), nascido em Palmares-PE, iniciou sua atuação como arquiteto em Recife, anos antes de obter seu diploma oficial (em 1956). Em 1946, um ano depois de mudar-se para a cidade, começou a trabalhar como desenhista para o arquiteto licenciado Heitor Maia Filho¹, tio da sua então noiva. Nesse período, estagiou no Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis do Porto de Recife, e trabalhou como pintor, o que o levou a estudar artes plásticas em Paris, em 1947.

De volta ao Brasil, em 1951 ingressa no curso de arquitetura da Escola de Belas Artes de Pernambuco (EBAP). Começa a trabalhar como desenhista no IPHAN, sob a direção de Ayrton da Costa Carvalho, engenheiro e professor de arquitetura brasileira na EBAP. Ainda estudante, elabora projetos de arquitetura e desenvolve o peitoril ventilado, “artifício arquitetônico de adaptação climática que se incorporou à arquitetura pernambucana ganhando inúmeras versões e usos nos anos posteriores” (ALVES, 2008, p.24-25; cf. HOLANDA, 1976, p.25).

Sua morte prematura (em desastre aéreo, quando viajava para Campina Grande a fim de visitar uma de suas obras) e a dificuldade de identificação de seus projetos anteriores à diplomação (que ele não podia assinar), são fatores que têm contribuído para eclipsar sua produção no contexto da difusão da arquitetura moderna em Pernambuco e em sua área de influência.

Das poucas referências sobre Reynaldo, podemos citar Naslavsky (2004), Amorim (2007) e Alves (2008) – que, em estudo específico sobre o tema, colige grande número de informações anteriormente inéditas e dispersas. Rocha e Queiroz (2007) são os primeiros a assinalar a presença de Reynaldo em Campina Grande, fazendo breves análises das residências Raimundo Alves da Silva², Bezerra de Carvalho e Loureiro Celino, e tentando

quantificar sua obra na cidade. A partir desses trabalhos, do levantamento dos projetos existentes no Arquivo da Prefeitura Municipal de Campina Grande e de pesquisas de campo e entrevistas, buscamos contribuir para o entendimento da produção de Reynaldo e refletir sobre sua importância na produção moderna local.

3.1 Residência de Bezerra de Carvalho (1952)

O primeiro projeto da casa do médico Severino Bezerra de Carvalho foi apresentado à Prefeitura em 1951, assinado por Austro de França, engenheiro civil de ampla atuação local desde a década anterior. Era uma versão menos decorada dos bangalôs em voga – uma arquitetura próxima aos padrões do contexto, vagamente diferenciada por uma organização menos compacta. Conforme podemos observar na figura abaixo.



Figura 01: Fachada do primeiro projeto para a residência Bezerra de Carvalho, 1951. **Fonte:** (APMCG)

Esta casa foi uma das primeiras obras de Augusto Reynaldo construída na cidade de Campina Grande, na Paraíba, ao apresentar elementos modernos se tornou um importante marco no contexto campinense. O projeto foi encomendado pelo jovem médico Dr. Francisco Bezerra de Carvalho em 1952, quando Augusto ainda cursava o 2º ano de arquitetura na Escola de Belas Artes de Pernambuco.

Dr. Bezerra (como ainda é conhecido na cidade) havia apresentado à prefeitura outro projeto no estilo vigente na época, assinado pelo engenheiro Austro de França; contudo, como teve contato com a arquitetura que estava sendo produzida em Recife (onde cursou Medicina poucos anos antes), resolveu encomendar um novo projeto para sua residência.

Em junho de 1952, a prefeitura aprova a substituição deste primeiro projeto por outro, com a identificação do Studio Técnico Augusto Reynaldo, sob responsabilidade técnica do engenheiro pernambucano Rubens Borges Bezerra – primo do proprietário, que lhe indicara a

contratação de Reynaldo. Esse segundo projeto traz um modelo inovador para as residências de Campina Grande, como podemos perceber na imagem a seguir.

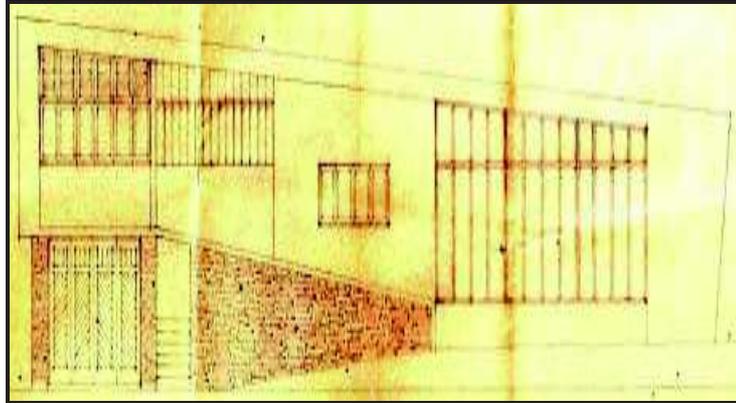


Figura 02: Elevação frontal. **Fonte:** (APMCG)

A residência estava localizada na Rua Duque de Caxias, nº 368, no bairro da Prata, em um amplo terreno cuja posição favorece a captação dos ventos e a disposição dos espaços. Abaixo apresentamos uma fotografia do espaço interno da residência.



Figura 03: Espaço interno da residência Dr. Bezerra. **Fonte:** Adriana Almeida.

3.2 Residência de Amaro Fiuza Chaves (1955)

O projeto para o médico Amaro Fiuza Chaves, submetido à Prefeitura em abril de 1955, é o segundo projeto residencial de Augusto Reynaldo na cidade. A casa ficava localizada na Rua João Machado, bairro da Prata. Vejamos abaixo o desenho da planta da residência de Amaro Fiuza Chaves

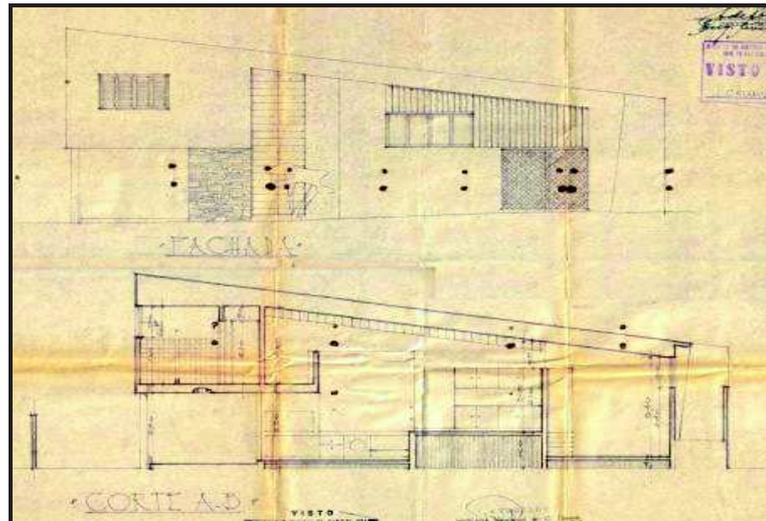


Figura 04: Fachada principal e corte AB. **Fonte:** (APMCG)

Para acompanhar a declividade do terreno, o térreo foi acomodado em diferentes níveis, ligados por rampas e escadas. Como Reynaldo ainda não era formado, o projeto ficou sob responsabilidade da Empresa Construtora Honorato-Abreu, mas as pranchas apresentam o carimbo do Stúdio Técnico Augusto Reynaldo. Podemos perceber a irregularidade do terreno bem como os traços geométricos da residência de Amaro Fiuza Chaves.



Figura 05: Residência Amaro Fiuza Chaves. **Fonte:** Adriana Almeida

3.3 Residência de Francisco Wanderley (1955)

O médico Francisco Wanderley apresentou o projeto de sua residência à prefeitura em setembro de 1955. Sua análise é dificultada pela ausência da planta baixa, no APMCG, e por sua total descaracterização na década de 2000. Ela localizava-se em terreno de esquina,

também no bairro da Prata. A seguir destacamos a planta da fachada Sul da residência de Francisco Wanderley.

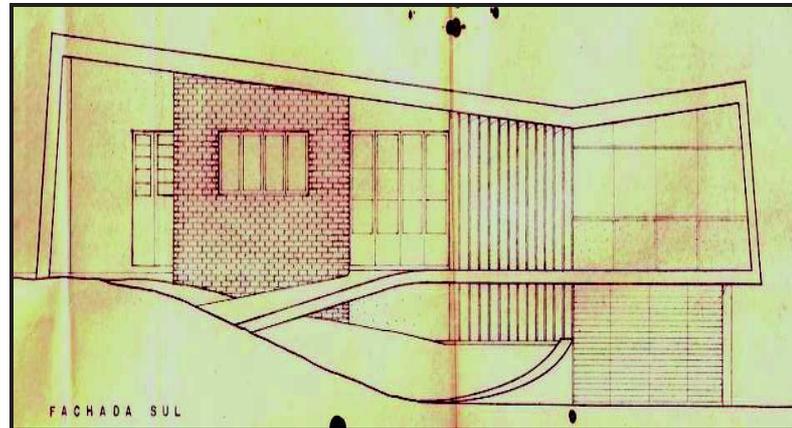


Figura 06: Residência Wanderley. Fachada Sul. **Fonte:** (APMCG)

De forma geral, percebem-se variações e desdobramentos do que já havia sido proposto pelo arquiteto, cabendo ressaltar a diferença na composição volumétrica (volume único, em vez de volumes articulados), a adequação ao relevo, e a preocupação em locar e desenhar a caixa d'água.

3.4 Residência de Loureiro Celino (1957-58)

O primeiro projeto para a casa do comerciante José Celino da Silva foi submetido à Prefeitura em agosto de 1957, assinado pelo Arquiteto Augusto Reynaldo Alves e pelo Construtor Max Hans Karl Liebig. Iniciada a obra, por motivos desconhecidos, seu projeto foi substituído em janeiro de 1958. Vejamos abaixo a planta da fachada Norte da casa.

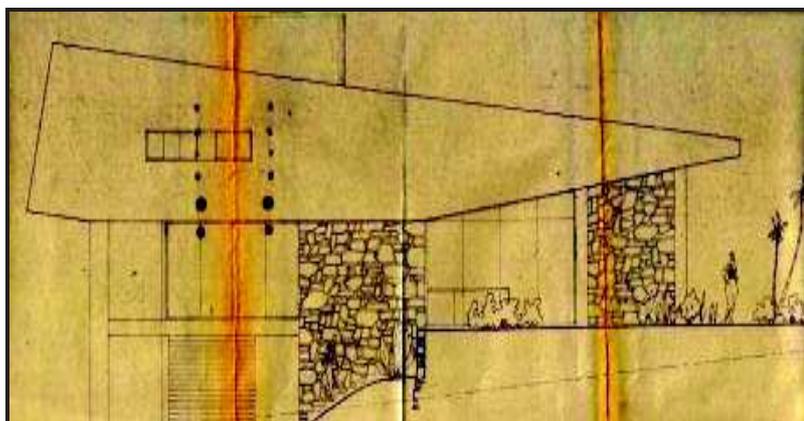


Figura 07: Fachada Norte da residência Loureiro Celino, projeto de 1958. **Fonte:** (APMCG)

O aproveitamento da inclinação do lote de esquina, no centro da cidade, é um dos motes do projeto. Na cota mais alta, ela é térrea. À medida que o terreno cai, surgem um semi-subsolo (sala de estudos e restante dos serviços) e um primeiro pavimento (quartos), resolvendo uma setorização simples e nítida.

Como notam Rocha e Queiroz (2007), a sensibilidade no aproveitamento de terreno inclui o tratamento do muro. Este era reto na cota mais alta, com base de pedra e corpo em arranjo vazado de tijolos. À medida da queda do terreno, o trecho de pedra continuava reto, servindo de arrimo para o jardim, enquanto o trecho de tijolos, transformado em guarda-corpo, seguia serpenteando pelo gramado.



Figura 08: Vista Norte. **Fonte:** Acervo familiar

Hoje já demolida, as únicas fontes sobre a residência Loureiro Celino para elaboração desse trabalho foram os desenhos técnicos originais disponíveis no arquivo da Prefeitura Municipal de Campina Grande e fotografias cedidas por familiares dos proprietários, que pouco esclareceram sobre a arquitetura da casa.

Nesse sentido, entendemos que não é possível pensar a cidade e a casa separadamente do homem, mas estamos presenciando em Campina Grande a derrubada da arquitetura moderna residencial “cedendo lugar” aos “arranhas céus” mudando a fisionomia da cidade por uma verticalidade. Pois, a cidade para Marsilio Ficino, não é feita de pedras, mas de homens. São os homens que atribuem um valor às pedras e todos os homens, não apenas os arqueólogos ou literatos. As cidades desenvolveram-se de uma maneira que chamamos de espontânea, mas que, na realidade, era determinada pela evidência que a figura histórica da cidade tinha na consciência individual e coletiva.

4. CONCLUSÃO

Entendemos que a cidade, embora por vezes pareça adquirir vida própria, não pode ser naturalizada e reificada, como se constituísse uma entidade “transhistórica” e dissociada daqueles que nela habitam. As cidades comportam de certo uma materialidade muitas vezes eternizada, mas elas também sugerem formas próprias de sociabilidade e de estruturação da comunidade política. Assim, a cidade representa, sem sombra de dúvidas, uma das mais surpreendentes produções do intelecto humano. Sua importância pode ser avaliada pelo fato de que a sua formação e desenvolvimento se confundem a grosso modo com o ingresso do homem na fase histórica propriamente dita.

A crise da cidade, como agregação histórica da sociedade, é relacionada por Argan como à crise da arte (arquitetura) e a crise do objeto (casa), ou, melhor, a morte da arte (arquitetura) e a eclipse do objeto (casa) como produto, como manufaturado. As casas, as obras de arquitetura - numa sociedade cuja estrutura cultural não seja mais a história, como corre o risco com a sociedade atual - são fragmentos de um passado não mais relacionável ao presente, são quase ilhas resíduos de um continente submerso.

Há mais de cinquenta anos, aconteceu o maior acidente com a aeronave na cidade de Campina Grande. A tragédia aconteceu em uma noite sombria de sexta-feira, 5 de setembro de 1958. O avião de prefixo LDX do Lóide Aéreo Brasileiro caiu nas proximidades do Serrotão, a dez quilômetros do centro da cidade, matando 13 pessoas e deixando vários passageiros feridos. Entre os sobreviventes do maior acidente aéreo registrado em Campina Grande, estava o comediante cearense Renato Aragão, o Didi. Na época, Renato Aragão não era famoso. Ele era apenas um estudante de Direito que morava em Fortaleza e estudava em Recife.

O avião com 40 passageiros a bordo partiu do Rio de Janeiro. A chuva forte, neblina densa e iluminação precária foram apontadas como fatores que contribuíram para a tragédia. Segundo as autoridades da época, o avião caiu após o piloto ter feito, sem sucesso, várias tentativas de pouso na pista do aeroporto João Suassuna. Como estava chovendo, a pouca visibilidade atrapalhou o piloto. Entre os mortos, estavam o comandante e a telegrafista do avião, um médico, um arquiteto - Augusto Reynaldo Alves e um gerente do Banco do Brasil.

Assim como a morte do arquiteto Augusto Reynaldo muitas das suas obras vem se perdendo, como por exemplo, as casas abordadas nesse artigo, que foram alvo de modificações e demolição. Com o passar do tempo e sem a devida proteção, o patrimônio arquitetônico residencial de Campina Grande vai se perdendo.

ABSTRACT

We aim in this article to re-read authors who discuss the history of urban transformations in the city of Campina Grande and its characters from the 1930s to 1960. We started research in museums and public / private archives and their collections: newspapers, photographs, documents and plants combined with a literature that deals with the history of urban transformations in the city of Campina Grande. From the analysis of the work of Augusto Reynaldo will show how its modern residential production in the 1950s, with the population acceptance of results was critical of the spread of this architecture in Campina Grande, raising issues such as the relationship between design, built work and links to culture and local tradition. Identified in the Municipality Archive of Campina Grande (APMCG), four residential projects designed by architect Augusto Reynaldo: the residences of Severino Bezerra de Carvalho (1952), Amaro Fiuza Chaves (1955), Francisco Wanderley (1955) and Jose Celino the Silva (1957/58). However, it is not for this work make technical analysis of plants of these homes and their spaces resulting from truly representative intentions and structures of thought and contemporary art.

KEYWORDS: City. Residence. Modern architecture.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Mariana Reynaldo. **Augusto Reynaldo**: resgate de uma obra. Recife, 2008. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – CAC/UFPE.
- ARGAN, GIULIO CARLO. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARBOSA, Fabrício Lira. **De Rainha a Plebéia**: Inventário das transformações urbanas e arquitetônicas de Campina Grande entre 1935-1945. Monografia de Conclusão do Curso Arquitetura e Urbanismo UFRN, 1999.
- BRESCIANI, M. E. As sete portas da cidade. In: **Espaço & Debates**: Revista de Estudos Regionais e Urbanos. Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos, 1981, p. 10-15.
- CARVALHO, Juliano Loureiro de; ALMEIDA, Adriana Leal de. Augusto Reynaldo, introdutor e difusor da arquitetura residencial moderna em Campina Grande-PB. In: **3º Docomomo Norte Nordeste**. João Pessoa, 2010.
- CARVALHO, Juliano Loureiro de; QUEIROZ, Marcus Vinicius Dantas de; TINEM, Nelci. **Trem veloz, rupturas lentas**: arquitetura como produção do espaço urbano em Campina Grande (1907-1935). Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp413.asp>. Acessado em: 17. Jul, 2007.
- GURJÃO, Eliete. **Imagens Multifacetadas da História de Campina Grande**. Campina Grande: PMCG/SEC, 2000.
- LEMOS, Carlos. **A casa brasileira**. São Paulo: Contexto, 1989.
- MARICATO, Ermínia. **Brasil 2000**: qual planejamento urbano? In: Cadernos IPPUR, vol. XI, nº 1 e 2. 2ª edição, janeiro a dezembro. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. pp.113-130.
- _____. **Brasil, Cidades**: alternativas para a crise urbana. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- QUEIROZ, M. V. D. Quem te vê não te conhece mais: arquitetura e cidade de Campina Grande em transformação (1930-1950). São Carlos, 2008. Dissertação (Mestrado) – PPG-AU/EESC/USP.
- QUEIROZ, M. V. D.; ROCHA, Fabiano de Melo Duarte. Caminhos da arquitetura moderna em Campina Grande: emergência, difusão e produção dos anos 1950. In: DINIZ, Fernando M. (org.). **Arquitetura moderna no Norte e Nordeste do Brasil**. Recife: FASA/Docomomo PE, 2007, p.259-276.
- SOUZA, Nelson Mello e. **Modernidade**: Desacertos de um Consenso. Campinas. SP: Editora da UNICAMP, 1994.
- VERAS, Cassandra Carmo de Lima. **O espelho de Narciso**: uma visão histórica das transformações urbanas de Campina Grande (1935-1945). Campina Grande: UFPB, 1988. Monografia de Conclusão do Curso de Bacharelado em História da UFPB – Campus II.